

A IMPORTÂNCIA DA AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NO 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA REDE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DO MUNICÍPIO DE TRÊS COROAS

Ariani Merena Sironi

Faculdades Integradas de Taquara

ariani.sironi@gmail.com

Resumo

O presente trabalho trata sobre a avaliação da aprendizagem no 3º ano do ensino fundamental, no município de Três Coroas/RS. Articula-se perfeitamente na área didática da pedagogia, à medida que tem por principal objetivo identificar as relações existentes entre as teorias e métodos, no tocante a avaliação do aluno. Utilizou-se de pesquisa bibliográfica e documental, bem como pesquisa de campo, feita mediante um questionário de perguntas fechadas. Notou-se uma preocupação por parte dos profissionais que trabalham com os terceiros anos, de parecerem-se adeptos ao que foi vinculado nos últimos trabalhos apresentados sobre o assunto, demonstrando a dificuldade que é avaliar de maneira construtiva e eficiente nos dias atuais, principalmente por não se saber exatamente como cobrar do aluno aquilo que foi trabalhado em aula. A recusa de algumas professoras em responder o questionário só serviu para fortalecer esta ideia. Assim sendo, refletir sobre a prática pedagógica, e principalmente sobre a maneira como cobra-se esta prática do aluno, é buscar, dentro do contexto atual de transformações, as respostas para as dificuldades encontradas tanto dentro quanto fora da escola.

Palavras-chave: Avaliação. Terceiro ano do ensino fundamental. Dificuldades dos professores.

1. INTRODUÇÃO

A escola por muito tempo tem sido lugar de uma concepção de saber pronto e acabado, onde o “bom” aluno é visto como aquele que entra calado, escuta e reproduz exatamente o que o professor apresentou. O fato é que nem todas as escolas têm esse perfil,

apesar de que algumas continuam autoritárias, embora vivam dentro de um clima de liberdade que ainda não produziu condições para se lidar com as dimensões da sua face conservadora.

O presente estudo trata sobre a importância da avaliação da aprendizagem na rede municipal de educação do município de Três Coroas, localizado no estado do Rio Grande do Sul, focando a análise no 3º ano do Ensino Fundamental.

Entende-se que o processo de avaliação da aprendizagem está articulado com o processo de ensino. Há necessidade de haver coerência da avaliação com a forma de ensinar, proporcionando ao aluno mais um momento privilegiado de estudo, do que uma simples cobrança de dados. Contudo o fato é que o problema nunca esteve em se atribuir notas ou conceitos aos alunos, mas à maneira como o professor chega às mesmas.

No caso de Três Coroas a avaliação da aprendizagem baseia-se na concepção de educação que norteia a relação professor-aluno-conhecimentos-vivências, num processo de ação, reflexão e de reconstrução da prática avaliativa.

É possível afirmar que pensar sobre a prática pedagógica é buscar dentro do contexto atual de transformações, as respostas para as dificuldades encontradas tanto dentro quanto fora da escola.

Esse trabalho tem como problemática a identificação da influência que os novos olhares sobre a educação brasileira, principalmente sobre a avaliação da aprendizagem, exercem, ou exerceram, sobre a educação na rede municipal de ensino de Três Coroas/RS, mais especificamente no 3º ano do Ensino Fundamental.

Tendo por finalidade, portanto, refletir sobre a questão da teoria versus prática, um embate problemático já conhecido. Problemático talvez exatamente pela falta de compreensão por parte dos profissionais que atuam na área, visto que ler sobre o assunto não é o mesmo que aplicar os conteúdos e cobrá-los em sala de aula no dia a dia.

2. REVISÃO DA LITERATURA

O processo de avaliação do aluno pode ser visto como um momento de aprendizagem e não somente com o de cobrança daquilo que foi analisado em sala de aula que muitas vezes foi apenas memorizado para o dia da prova. Está articulado com o ensinar.

Ensinar, portanto, deve ser entendido dentro do conceito de Antunes (2012, p. 30) “onde o professor ajuda e apoia os alunos na tarefa de confrontar uma informação

significativa e relevante com a realidade”, ou seja, a finalidade de ensinar, para o professor, sugere o confronto, necessariamente, do conteúdo com a realidade.

De acordo com Beauchamp, Pagel e Nascimento,

A escola dificilmente conseguirá propiciar situações para que eles [alunos] aprendam tudo o que é importante, mas pode possibilitar que eles se apropriem de diferentes conhecimentos gerados pela sociedade. De fato não é fácil selecionar o que ensinar no ensino fundamental, mas precisamos refletir sobre quais saberes poderão ser mais relevantes [...] (2012, p. 97, *grifo nosso*).

Assim, pergunta-se: O que ensinar? No cotidiano da sala de aula a escola faz concorrência direta com os meios tecnológicos pelo interesse de seus alunos. Adaptar-se as novas exigências é essencial, de tal forma que a escolha dos conteúdos é tão importante quanto saber avaliar o aluno.

Essa situação abrange outro problema significativo: a metodologia. Nem sempre a metodologia utilizada pelo professor consegue atrair o aluno, colocando o professor frente a uma postura, adotada por este, de questionamento, e por fim, indisciplina, podendo gerar um verdadeiro mal-estar na escola.

Antunes (2010) explicita sobre a cultura do “tudo ou nada” existente nos dias de hoje envolvendo a indisciplina e a reprovação. Até pouco tempo vivia-se que toda e qualquer manifestação de indisciplina era bloqueada com a ameaça da nota baixa e toda qualidade da aula se tornava irrelevante, visto que esta não importava.

Nesse contexto, faz-se necessário o entendimento de que quando

Se proclama pelo fim da cultura da retenção, jamais se propugna por seu extermínio, antes sugere-se a busca de novos caminhos, a eficiência de sistemas de recuperação, os instrumentos de reforço na compreensão da aprendizagem significativa e treino de habilidades operatórias, os mecanismos pedagógicos de sedução do aluno que façam do aprender a alegria do viver. (ANTUNES, 2010, p. 41- 42).

Com isso busca-se defender a ideia de que a problemática da avaliação nunca esteve em dar nota ou não, mas sim na maneira como o professor chega à mesma. A prova por si só não se constitui como algo negativo ou contrário, pois esta pode servir como meio de avaliação, porém, não deve ser considerada como um fim em si mesma, mas como uma facilitadora de um momento a mais de aprendizagem.

Avaliar deve ser um ato constante do professor, não separado de sua prática cotidiana, e deve constituir-se como reflexo de sua própria auto-avaliação. Perrenoud (2001) expõe largamente a importância de um olhar reflexivo sobre a própria prática pedagógica, pois este

serve para dar sustento a mudanças relevantes no âmbito da educação, e conseqüentemente, da avaliação da aprendizagem.

O ato de avaliar é fruto de escolhas, nem sempre conscientes, pois todos trazem uma “bagagem” que diz muito sobre como se enxerga o ensino, e principalmente, a avaliação. Assim a concepção que se possui de avaliação, acaba por determinar a escolha da forma que ela pode assumir nas aulas.

Por muito tempo se confundiu a avaliação com uma simples prova, como se fosse a única forma eficaz de se medir o aluno, porque sim, a prova servia e muitas vezes ainda serve, como uma maneira de rotular o aluno, de “castigá-lo” por sua indisciplina. Quantas vezes ouvem-se frases como: “vai cair na prova, prestem atenção!”, quando o certo seria incitar no aluno a vontade de aprender, não “por causa da prova”, mas sim por ser simplesmente interessante.

Outro fator que tem influenciado muito a maneira de se avaliar o aluno são as pressões externas, principalmente nos anos que correspondem aos finais de determinados ciclos, encaixando-se perfeitamente no contexto de análise desta discussão.

O terceiro ano do ensino fundamental é o último do primeiro ciclo, o primeiro que pode haver a retenção do aluno, e conseqüentemente o primeiro em que a avaliação deixa de se dar através de pareceres.

A pressão por se avaliar bem o aluno e de garantir crianças plenamente capacitadas a passarem para o próximo ciclo acabou deixando uma concepção invertida do que é avaliar a aprendizagem.

Nikitiuk (2012) aponta que é necessário buscar desenvolver competências em vez de memorização, a escola tem sido segunda a autora, “o lugar de um saber pronto, acabado e localizado, cujo desdobramento é a aversão à reflexão e o acriticismo, sem falar na falta de comunicação” (2012, p. 30).

Para Luckesi (1995) a característica que salta aos olhos quanto à prática educativa é de que a avaliação da aprendizagem ganhou um espaço tão amplo nos processos de ensino que a prática se vê direcionada por uma “pedagogia do exame”, como chamou o autor, na qual as atividades em aula preparam o aluno para responder provas, e não para solucionar problemas mais complexos. Moretto (2010) defende exatamente esta necessidade de se desligar da prova, enquanto mero objeto avaliativo, e focar na real aprendizagem do aluno.

Porém, a visão do aluno, referente à escola como um todo, também prejudica a prática pedagógica, e conseqüentemente a avaliação. Pois estes têm sua atenção centrada na

promoção, ou seja, em “passar de ano”, assim não buscam construir conhecimento, mas apenas decorá-lo para alcançar boa nota na prova.

O sistema está passando por mudanças significativas nos últimos anos, isso porque o que mudou realmente foi o paradigma estabelecido na sociedade atual, sem que, contudo, a visão desta sobre a escola tenha acompanhado o mesmo ritmo de tais mudanças. Gerando, assim, um conflito sobre a visão da escola ideal tida pelos pais e sociedade, e a real prática exercida em sala de aula que tenta alcançar um jovem bem mais interativo do que a geração anterior.

Entende-se assim, que a avaliação da aprendizagem está articulada com a democratização da escola, definida, segundo Luckesi (1995), nos tempos atuais por três fatores: o acesso a escola não está relacionado com a questão da avaliação do aluno; o comprometimento da avaliação com uma prática antidemocrática (que precisa ser alterada), além da permanência forçada que deve, contudo ser alterada na intimidade da escola; e como ultimo fator, a qualidade de ensino oferecido, porém esta democratização ainda precisa ser adaptada, ou pelo menos, colocada em prática, por parte dos dirigentes.

3. METODOLOGIA

O município escolhido para análise, Três Coroas- RS tem como característica principal a influência que as indústrias de calçado exercem em todos os âmbitos da vida pública e privada, visto ser o principal meio econômico da cidade, e muitas situações diárias são influenciadas pelos horários e exigências dessa indústria, até mesmo a educação.

Neste sentido o presente artigo foi construído levando em consideração as dificuldades enfrentadas pelos professores em sala de aula. Baseou-se em pesquisas bibliográficas e documentais como o Regimento Escolar do Município, juntamente com um estudo de caso referente ao foco de análise, a avaliação da aprendizagem.

Assim, o trabalho exigiu uma pesquisa de campo, por meio de questionários que foram respondidos pelas professoras do 3º ano, do Ensino Fundamental, com perguntas fechadas.

A pesquisa bibliográfica baseou-se nos autores já citados nesse artigo, visto que a grande parte deles também serviu de embasamento teórico para a formulação do Regimento Escolar das escolas municipais de Três Coroas.

A primeira etapa girou entorno dessa bibliografia, que serviu de embasamento para a formulação do questionário, bem como, sobre o olhar que temos sobre a avaliação da

aprendizagem que de acordo com Antunes (2010, p. 9) “[...] é o processo mediante o qual se determina o grau em que as mudanças de comportamento estão realmente ocorrendo” no sujeito.

O questionário, segunda etapa, foi composto por perguntas pontuais. As primeiras questões dizem respeito ao grau de formação dos professores, visto que se entende a importância do ensino superior completo na área pedagógica quando falamos de avaliação.

Não se pode cobrar o que não se sabe, e a realidade é que o ensino superior, por mais estático que seja, sempre traz novas informações, que acrescentam muito quando entramos em sala de aula. Sem contar que as discussões com os colegas de curso, os professores, e a própria maneira como compreendemos a avaliação são desconstruídas e reconstruídas durante a formação acadêmica.

A pergunta que diz respeito a pós-graduação e aos cursos de formação continuada, vem de encontro com Perrenoud, tendo por ponto chave a busca do interesse do professor em se especializar na área da avaliação da aprendizagem, que é, por si só, um ponto essencial de seu trabalho como educador, visto que por meio dos instrumentos de avaliação que utilizar, poderá medir o grau de entendimento que os alunos tem de suas aulas.

Os itens número 5 e 6 têm como foco o regimento escolar e projeto político pedagógico da escola, e questionou-se o conhecimento deles por parte dos professores, sem que, contudo exige-se provas deste conhecimento.

Buscou-se também identificar quais os instrumentos utilizados para avaliar o aluno, sendo que, ao dar as opções, procurou-se abranger o máximo possível, sem que o questionário expresse algum valor de julgamento às respostas dadas.

A troca de idéias entre colegas sempre foi bem vista no meio acadêmico, e não é entendido de maneira diferente no ambiente escolar de nível fundamental. Portanto a questão 8, não diz respeito somente a simples troca de informação, mas a discussão dos novos métodos de avaliação.

As duas últimas perguntas centram-se no exposto por Moretto (2010) de que a avaliação precisa ir além de uma simples cobrança, precisa interagir com os alunos, construir o conhecimento, sem se reduzir a uma simples prova, mas abarcando todo o processo de ensino em si.

Assim, a última etapa da pesquisa resume-se a uma confrontação das informações reunidas, que resultou neste artigo. Sem que se tenha a pretensão de esclarecer ou apresentar soluções para os problemas analisados. Porém, este trabalho entende que, o primeiro passo

para a transformação, é compreender o que precisa ser modificado, para então traçar medidas seguras para a sua resolução.

Tradicionalmente, a avaliação desenvolvida na escola tem servido para a segregação, e mesmo os discursos de inclusão deixam de fora o fato de que a prática vai além do discurso. Avalia-se para medir a aprendizagem dos estudantes e classificá-los em aptos ou não aptos a prosseguir. É preciso avaliar com diferentes finalidades, buscando distanciar-se de suas vivências estudantis, e traçando seus próprios rumos.

Porém nota-se que esta visão tradicional ainda está impregnada em nossa prática, sendo apenas mascarada por falas bonitas, mas que ecoam sozinhas. A indisciplina presente nas escolas é reflexo desta problemática, onde os alunos se preocupam mais em serem promovidos de ano, do que em aprender a utilizar o conhecimento adquirido na vida que se estende além dos muros da escola.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Nos últimos anos muito se tem escrito e dialogado sobre a educação brasileira, novos métodos e princípios tem surgido, principalmente no tocante a avaliação. Esta tem sido superestimada ou completamente ignorada, os extremos, que na maioria das vezes surgem por falta de aprofundamento por parte destes profissionais da área da educação ou mesmo por medo de serem rotulados como tradicionalistas ou construtivistas, acabam prejudicando quem mais deveria ser beneficiado: o aluno.

O município de Três Coroas tem investido muito no campo da educação, principalmente no tocante ao espaço físico em si, tem proporcionado em certa medida formação continuada a professores e demais funcionários envolvidos na educação, buscando dessa maneira estabelecer estrutura básica suficiente para basear seu sistema avaliativo na concepção que norteia a relação professor, aluno, conhecimento e vivências.

Contudo as divergências entre a teoria defendida nos documentos e a real prática na sala de aula, principalmente no 3º ano do Ensino Fundamental, não fogem a regra nesta localidade, visto que tal realidade não é particularidade de um caso, mas sim, fruto da atual situação, precária, diga-se de passagem, da educação brasileira.

Luckesi (1995, p. 29), nos coloca exatamente isso, que a avaliação da aprendizagem escolar no Brasil, hoje, “esta a serviço de uma pedagogia dominante que, por sua vez, serve a

um modelo social liberal conservador” e que por sua vez, buscam apenas “conservar a sociedade na sua configuração” (p. 30).

Três Coroas, município que tem sua economia centralizada na indústria calçadista, serve perfeitamente bem como exemplo de tal ideia, visto que os horários de aula, o planejamento escolar, e mesmo a apresentação dos projetos pedagógicos giram entorno da rotina das fabricas, que influenciam tanto a vida pública, quanto privada, visto que as famílias se constituem tendo como renda o obtido no serviço calçadista.

Os questionários demonstraram exatamente o que se propunham, porém não através das respostas obtidas, mas sim, pela recusa de alguns professores em respondê-lo. Demonstrando assim a insegurança que paira sobre o assunto.

Quanto aos que responderam, a maioria possui graduação completa, ou em curso, porém três professores não estão cursando o ensino superior, nem o completaram. Contudo buscam através de cursos de formação continuada e da troca de idéias com os colegas se aperfeiçoar em sua prática avaliativa.

A grande maioria não possui pós-graduação, alegando que o momento não é oportuno, mas que pretendem fazê-lo. E de que situação ainda não exigiu tal especialização, o que entra em contradição com Perrenoud, que defende a ideia de que o profissional da educação precisa sempre estar em constante formulação e reformulação.

O que mais chamou a atenção foram as questão 4 e 5, que questionam sobre o conhecimento do Regimento Escolar e do Projeto Político Pedagógico, que a maioria não tinha conhecimento de que estavam sendo reformulados quando o questionário foi feito, e de que muitas questões como a inclusão, por exemplo, não estavam presentes nas versões antigas destes documentos.

Na sétima questão, algumas observações que os professores fizeram foram muito interessantes, como na opção “Prova Escrita”, onde uma professora sentiu a necessidade de esclarecer que esta era feita de maneira individual, sem se dar conta de que tal questionamento nunca foi feito em específico, ou seja, demonstra a necessidade que esta profissional sentiu de esclarecer que com ela a prova era “prova de verdade”, salientando ainda que as atividades em grupo eram feitas, mas a avaliação deles era tida somente através da observação.

O habito da observação do aluno, como método avaliativo, não é algo comum para todos os professores, ficando claro em dois questionários respondidos, e sendo preciso levar em conta os questionários que não foram respondidos.

Quanto ao processo de revisão do conteúdo e recuperação das notas, todos marcaram positivamente, e somente uma marcou a opção “pouco”. O que representa um grande avanço para a situação geral da avaliação, pois mostra que a prova não é mais um momento de simples cobrança dos conteúdos, mas cada vez mais há a preocupação em se proporcionar um verdadeiro crescimento ao aluno.

Porém voltamos à problemática exposta por Luckesi, de que a situação, para mudar realmente, precisa não só de um movimento por parte do professor, mas também, um movimento interno de transformação por parte do aluno, da visão que se tem da escola como um todo.

Ou seja, da ideia de promoção, para a ideia de construção, de preparação, não para um emprego futuro, mas para um futuro, independente de qual seja, visto que todos buscam alcançar o sucesso pessoal, independente da visão que tenham do que é sucesso.

No 3º ano do ensino fundamental, esta ideia de promoção começa a ser construída. O fato é que isso gera alguns problemas óbvios, primeiro que o aluno normalmente desacostumado com a prova irá render menos no início em função do nervosismo, e cabe ao professor, tranquilizá-lo e ao mesmo tempo utilizar-se de outros métodos para avaliar esta criança.

Outro fato é a própria sociedade, que vê como bom a cobrança desnecessária de dados que não produzem conhecimentos significativos para este aluno. E que, portanto, não serão retidos na memória, ou mesmo aplicados na vida real.

Além destes, a própria família não apóia a educação crítica da criança, para vir a ser um cidadão consciente, que pensa, questiona e age, fruto dos interesses de uma classe dominante, que sabe o quanto a educação pode influenciar o futuro.

Assim, como nos diz Antunes (2010), fica claro que além de trabalhar muitas horas por dia, muito mais do que o bom-senso sugere e a qualidade de vida estabelece, o professor precisa estar atualizado para encarar as dificuldades que a profissão traz.

Com o questionário foi possível analisar exatamente até que ponto as dificuldades de sala de aula influenciaram as tomadas de decisão de uma grande maioria dos professores, pois aqueles que estão quase se aposentando e não tem curso superior, não irão realizá-los no futuro por causa de uma necessidade, mas sim por vontade de continuar no meio acadêmico.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Conclui-se assim que o presente artigo, embora não tenha a pretensão de aprofundar-se nos variados problemas que envolvem o campo da educação, não poderia deixar de abordar alguns aspectos da mesma, que influenciam diretamente a maneira de avaliar-se a aprendizagem do aluno, visto que este processo não ocorre de maneira a parte na vida escolar deste, mas no decorrer da mesma.

A formação profissional do responsável pela avaliação é tão importante quanto, visto que não podemos esperar o mesmo nível de compreensão do assunto de pessoas com vivências e visões de mundo diferentes.

Compreende-se que o ensino superior dá as ferramentas necessárias para desempenhar as funções em sala de aula, mas não prepara de maneira suficiente para todas as adversidades que surgiram.

Buscar conhecer mais sobre o que aflige os professores é o primeiro passo para desempenhar bem o papel de bons educadores. E isso não é somente algo a ser feito no quesito avaliação, mas diz respeito a todos os âmbitos.

Como Moretto (2010) coloca logo no início de sua obra, avaliar o aluno não é fácil, pois envolve mais do que simplesmente observá-lo, necessita de uma interação com este, encarando-o como ser ativo no processo de ensino-aprendizagem.

O Regimento Escolar, que entra totalmente de acordo com esta visão, deixa claro que os sujeitos envolvidos no processo avaliativo, devem interagir entre si, construindo o conhecimento e buscando aprofundá-lo de acordo com o interesse demonstrado.

Alcançamos aquilo que o proposto à medida que identificamos os métodos utilizados, e a visão, de certa forma, que os professores fazem da avaliação, o que não difere daquilo apresentado pelos autores enunciados neste artigo.

Assim sendo, pensar a avaliação da aprendizagem é pensar no futuro que se pretende construir, pois ele passa inevitavelmente pela escola, e avaliar a aprendizagem de maneira consciente, é buscar, dentro do próprio problema, a solução.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **A Avaliação da aprendizagem escolar**: fascículo 11. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

_____. **Professores e professoautos**: reflexões sobre a aula e práticas pedagógicas diversas. 6 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BEAUCHAMP, Janete; PAGEL, Sandra Denise; NASCIMENTO, Aricélia Ribeiro do (org.). **Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições.** São Paulo: Cortez, 1995.

MORRETO, Vasco Pedro. **Prova: um momento privilegiado de estudo não um acerto de contas.** 9 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2010.

NIKITIUK, Sônia L (org.). **Repensando o ensino de história.** 8.ed. São Paulo: Cortez, 2012.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens- entre duas lógicas.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

PERRENOUD, Philippe; PAQUAY, Léopold; ALTET, Marguerite; CHARLIER, Évelyne (org.). MURAD, Fátima; GRUMAN, Eunice (trad.). **Formando Professores profissionais: Quais estratégias? Quais competências.** 2.ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

Secretária Municipal de Educação e Cultura de Três Coroas. **Regimento Escolar Padrão das Escolas Municipais da Rede de Três Coroas.** Três Coroas-RS: S.M.E.C., 2010.

THEODORO, Janice. Educação para um mundo em transformação. *In:* KARNAL, Leandro (org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e valores.** 6 ed. São Paulo: Contexto, 2010, p. 49- 56.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Avaliação da Aprendizagem: práticas de mudança – por uma práxis transformadora.** 9 ed. São Paulo: Libertad, 2003.